

# CRIARCONTEXTO: ANÁLISE DO DISCURSO EM LETRA DE ROCK<sup>1</sup>

Larissa Nogueira de Oliveira<sup>2</sup> e Eliane Marquez da Fonseca Fernandes<sup>3</sup>

Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, CEP - 74001-970, Brasil

[larissafilhadorei@yahoo.com.br](mailto:larissafilhadorei@yahoo.com.br) e [elianemarquez@uol.com.br](mailto:elianemarquez@uol.com.br)

PALAVRAS-CHAVE: discurso, esquecimento ideológico, texto, autoria.

## Introdução

Analizamos a letra de uma música de rock contemporânea, que é como uma metalinguagem, ou “metadiscorso”, pois a letra se refere ao discurso, e a maneira pela qual é constituído e constitui os indivíduos, apresenta o discurso na prática. O texto mostra que o discurso não tem originalidade e é incompleto e que os dizeres não têm nem início nem fim definitivos.

Os **objetivos** de nosso trabalho são: verificar os valores inscritos nos discursos musicais de rock; observar se há preocupação com o dito e o não-dito nos textos musicais e, também, tentar compreender como se reafirmam os valores discursivos nos textos, e como a sociedade os absorve.

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo sobre um corpus de base bibliográfica, retirada da discografia musical. Nossos pressupostos teóricos ligam-se à Análise do discurso que aplicados a letras recolhida em repertório nacional. O trabalho tem como escopo a análise dos enunciados, tendo em vista as concepções de língua, dialogismo e gênero junto a Bakhtin (2000, 2003), de memória discursiva e formação discursiva junto a Pêcheux, Marcuschi (2009) sobre gêneros textuais, Orlandi (2001), entre outros.

A Análise do Discurso tem como objeto o discurso, constituído por ideologias, valores, idéias que se encontram na sociedade e são instituídos pela mesma. Etimologicamente, a palavra discurso tem noção de movimento, de curso, de continuidade. A

---

<sup>1</sup> Revisado pela Orientadora

<sup>2</sup> Orientada

<sup>3</sup> Orientadora

Análise do Discurso quer verificar quais são os valores implícitos por meio das palavras e/ou expressões (que já carregam sentidos), dentro de um texto. Pois o texto é para a análise do discurso a unidade que lhe permite ter acesso ao discurso, à ideologia. E assim ele ocorre, por meio da palavra em movimento, gerando sentido. A palavra está para o texto como esse está para o sentido: é seu contexto. Segundo Orlandi (2007) “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós, carregadas de sentidos, que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós.” (Orlandi, 2007, p.20).

É no texto, o contexto do sentido, onde se pode compreendê-lo, e é justamente o contexto que nos permite o sentido, é tarefa da Análise do Discurso compreender como o texto produz determinados sentidos, como os sentidos estão nele, como ele pode ser lido ou interpretado. Esta relação dos sentidos de um texto com outro que chamamos de interdiscurso, ou intertextualidade, e assim acontece o discurso, é a relação entre textos, nunca diz sozinho, não tem originalidade.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito - afetado pela língua- com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história. Esta é a marca de subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço de relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua... (ORLANDI, 2007, p. 47)

O sentido se dá por meio da relação sujeito – história através da língua, que é a materialidade do discurso, o que consiste no fato de o sujeito compreender determinado enunciado se ele possuir uma memória discursiva (ou formação discursiva) a respeito de termos e expressões ali presentes que portam o sentido de tal enunciado. Essa relação sujeito-história-língua é realizada pela interpretação, garantida pela memória. Determinado enunciado possuirá determinado sentido de acordo com a interpretação feita do mesmo, interpretação possível de acordo com o conhecimento discursivo (memória discursiva) do indivíduo. Então como efeito dessa relação, temos a ideologia (o discurso), justamente pelo fato de que não há sentido sem interpretação.

É importante ressaltar ainda, que não há sentido sem metáfora porque o sentido é sempre uma palavra por outra, uma expressão por outra, é sempre uma transferência de significados. Para Pêcheux não há sentido sem metáfora, a metáfora é justamente essa transferência de significados (Orlandi, 2007 p. 44).

## **Discussão**

Analisamos a letra da música “Pra Manter ou Mudar”, da banda *Móveis Coloniais de Acaju*, de 2009. Consideramos a letra desta música como texto, e também o princípio de os discursos se encontrarem em constante transformação, de acordo com o tempo, contexto histórico em que se encontram, ou seja, o fato de permitirem inúmeras interpretações, possuindo determinado sentido ou outro. Assim bem como o discurso, a análise também pode modificar-se.

Todo enunciado, diz Pêcheux, é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro (Orlandi, 2007 p. 59). Desse modo, a letra da música que analisamos, diz respeito ao discurso em sua totalidade, o autor demonstra sua tamanha frustração no fato de querer ser autor, pois pensando ser, vê que alguém já havia dito, ou descoberto.

Ademais, todo falante é por isso um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes - dos seus e alheios - com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (Bakhtin, 2003, p. 272)

A Análise do Discurso diz que não existem discursos novos, o discurso original e primário é o de Adão, que foi o primeiro a dizer (enunciar) (Bakhtin), depois dele todos os outros discursos tem relação (fazem referência) com o dele, possuem a voz dele com a qual dialogam, mesmo por meio do não dito.

A letra começa com esse anseio do autor, anseio tal por originalidade, por ser autor, expresso nas palavras “tudo o que eu queria”. Posteriormente observamos isso de forma mais explícita em: “tudo o que eu queria dizer alguém disse antes de mim”, como inicia a letra da música. A palavra “dizer” logo em principio, dita, nos permite a relação direta com o discurso. O que é reforçado pelos versos seguintes em que diz que tudo o que queria enxergar já foi visto. Demonstrando também o fato de o discurso não ter originalidade, e de ele ter se considerado autor, ter pensado que ele tinha a originalidade de determinado enunciado algum dia, o que define o esquecimento ideológico, tal que consiste na ilusão, ou na impressão de autoridade. O desejo de autoridade é bem evidente nas primeiras estrofes em que encontramos os seguintes termos: “queria dizer, queria enxergar, queria fazer, queria inventar”

Na estrofe posterior (segunda) que diz: “Nada do que eu sei me diz quem eu sou/Nada do que eu sou de fato sou eu?” aqui surgem dúvidas, interrogações um tanto quanto conclusivas, justamente pelo fato de frustrarem o autor, pensando que tudo o que ele dizia era

dele, tudo o que ele pensava era dele: a palavra “então” (não dita) fica implícita da primeira estrofe para essa, observamos aqui o discurso na prática, estamos cientes de que não dizemos sozinhos, pois o discurso é ideologia, e somos constituídos de ideologias desde que nascemos a adquirimos junto com linguagem. Sua tamanha frustração e indignação, pelo fato de tudo que ele julga ser dele, não vir de fato dele, e sim de convenções, enunciados, discursos que o precedem, o que entendemos como a ilusão de autoridade no esquecimento ideológico de Pêcheux.

“[E]le é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré- existentes” (Orlandi, 2007 p. 35). Na quarta estrofe conclui que original, foi a explosão no infinito o big-bang, daí veio o universo, o céu e o mundo, de um ponto que seria uma(s) pedra(s) resultante dessa explosão, não só uma mas inúmeras que deram origem aos planetas, mas aqui pelo fato de estar dito “um ponto meu mundo girou” permite alusão com o planeta terra, pois é um mundo que gira em torno do sol e que o autor habita. Diz ainda que, em um minuto, todas as coisas foram criadas da maneira que são, e chega-se então ao título da música: “pra criar num minuto/todas as coisas que são/ pra manter ou mudar, que é o que ocorre com o discurso, observamos que muda por meio do esquecimento, pois ele nos permite dizer com “nossas palavras”, mas o discurso, o sentido é o mesmo.

Mudam as palavras somente e se mantém o discurso, ou seja, a maneira de dizer, pois o discurso permanece. Tal título permite ainda a relação entre textos (intertextualidade, dialogismo), entre discursos, com Lavoisier que diz que nada se cria tudo se transforma. Então as coisas ficam como estão ou mudam de forma a apenas se transformar.

Na sexta estrofe temos: “Sempre que eu tento acabar/ Já desisto antes do fim/ Sempre que eu tento entender/ Nada explica muito bem”, que retoma a frustração do autor o que ele explica na estrofe que precede: “Sempre a explicação me diz o que sei/ Sempre o que eu sei alguém me ensinou”, onde percebe que os enunciados têm formas diferentes, mas retomam sentidos já existentes. Enunciando é um termo usado por Benveniste, para retomar a fala, o que já foi dito, usa ainda o termo enunciação que tem foco na ação de dizer, são termos retomados por Bakhtin.

A letra (o texto) parte na oitava estrofe para o refrão, que já mencionamos, em que faz alusão a origem das coisas por meio do big bang, o que difere da Análise do Discurso, por ela considerar que o discurso tem origem em Adão, o que nos permite identificar a

teoria/discurso/ideologia à que o autor e à que a análise do discurso se ligam, respectivamente à biogênese e ao criacionismo .

A partir de então forma conclusiva, na nona estrofe menciona agora reinventar, redescobrir, repensar, refazer inúmeras coisas, pois não vai lutar contra o discurso, no entanto por não ter conseguido chegar a enunciações que partissem exclusivamente dele. Segue então como está. Pois sempre retomam de forma dialógica (dialogando, fazendo referência, retomando o discurso ao qual se refere), ou também parafraseando que é de fato dizer as mesmas coisas com outras palavras, em outro discurso, em outra enunciação, o que é frequente na intertextualidade.

Então na décima estrofe em que diz: Tudo que irá existir/ Tem uma porção de mim/ Tudo que parece ser eu/ É um bocado de alguém. Mantém a forma pela qual o discurso é constituído e pela qual passa por nós, segundo Bakhtin (1992) o discurso é externo, vem para o interno, nos constituindo, sendo nossos, onde temos a ilusão de autoridade, o esquecimento ideológico, e volta a ser externo por meio de nós (quando os enunciamos) então passa a ser parte do outro, como é dito nessa estrofe.

Na última estrofe em continuidade à conclusão retoma a segunda estrofe que era um interrogação mas de forma afirmativa: Tudo que eu sei me diz do que sou/ Tudo que eu sou também será seu , e observa-se que o autor percebeu que o que ele sabe (do que sugere ser autor) pertence a algum discurso, diz ainda saber a qual discurso pertence. Reconhece ainda que o discurso tem esse ciclo, e um dia também será, ou constituirá outro, que outros, ou melhor seu interlocutor, passarão ainda por essa então angústia da ilusão de autoria.

Tal discurso bastante recorrente na atualidade, em revistas de moda, por exemplo, vê-se termos como “inovar, inédito, originalidade, novidade” que instigam na sociedade atual esse anseio pelo novo. Muitos vão ao shopping dizendo que vão comprar algo novo e inovador para seu estilo, casa, amigo etc. Tal discurso circula também pelo campo da gastronomia, pela decoração, pela ciência/tecnologia que é em si inovação, pelo meio acadêmico entre outros. É esse discurso que instiga a sociedade ao consumo exacerbado de bens. Ao desperdício de dinheiro que por vezes consome de forma a não corresponder ao orçamento do indivíduo. E que em alguns casos os objetos são com o discurso, em muitos reitero, pois por vezes são objetos diferentes em detalhes, mas com mesma utilidade.

### **Considerações Finais**

Fato é que a letra/texto analisado possui características diferentes do ethos da maioria da população no que diz respeito a uma letra de rock, pois abrange um conteúdo acadêmico.

O ethos é a imagem, concepção, consideração a respeito de algo que seu receptor concebe, a partir do que observa do mesmo. Nesta análise percebemos que a letra abrange princípios da Análise do Discurso, deixando de lado o ethos de desorganização, da falta de valores, de letras vazias de conteúdo. Pois esta possui conteúdo acadêmico, sem as terminologias adequadas mas a concepção, o sentido e o significado são os mesmos. Por fim equivale a teoria do discurso acadêmica.

Pretendemos dar continuidade a este trabalho, analisando letras de décadas específicas, para verificar se pelo menos antes, ou em seu início elas correspondem ao ethos que muitos têm a respeito. Pois o ethos é a determinação de algo por seu interlocutor.

#### REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez; 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007

\_\_\_\_\_; E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

#### ANEXO

Letra da música analisada

*Pra Manter Ou Mudar* (a Do Piano) - Móveis Coloniais De Acaju

Tudo que eu queria dizer  
Alguém disse antes de mim  
Tudo que eu queria enxergar  
Já foi visto por alguém

Nada do que eu sei me diz quem eu sou  
Nada do que eu sou de fato sou eu?

Tudo que eu queria fazer  
Alguém fez antes de mim  
Tudo que eu queria inventar  
Foi criado por alguém

Nada do que eu sou me diz o que eu sei  
Nada do que eu sei de fato é meu?

Algo explodiu no infinito  
Fez de migalhas  
Um céu pontilhado em negrito  
Um ponto meu mundo girou  
Pra criar num minuto  
Todas as coisas que são  
Pra manter ou mudar

Sempre que eu tento acabar  
Já desisto antes do fim  
Sempre que eu tento entender  
Nada explica muito bem

Sempre a explicação me diz o que eu sei:  
"Sempre que eu sei, alguém me ensinou"

Algo explodiu no infinito

Fez de migalhas  
Um céu pontilhado em negrito  
Um ponto meu mundo girou  
Pra criar num minuto  
Todas as coisas que são  
Pra manter ou mudar

Agora reinvento  
E refaço a roda, fogo, vento  
E retomo o dia, sono, beijo  
E repenso o que já li  
Redescubro um livro, som, silêncio  
Foguete, beija-flor no céu,  
Carrossel, da boca um dente  
Estrela cadente

Tudo que irá existir  
Tem uma porção de mim  
Tudo que parece ser eu  
É um bocado de alguém

Tudo que eu sei me diz do que sou  
Tudo que eu sou também será seu